

CAMARGO, Robson Corrêa de. **FRAGMENTO COMO CONCEITO ESTÉTICO E FATO ARTÍSTICO, FILOSÓFICO E LITERÁRIO**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás. Coordenador do Programa Interdisciplinar de Pós Graduação em Performances Culturais; Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Goiás

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre o fragmento como conceito filosófica e fato artístico na contemporaneidade. O fragmento reflete as condições da modernidade e de sua arte, como já pontuou Walter Benjamin. Benjamin foi um dos primeiros que percebeu na filosofia romântica uma prefiguração da estética moderna e da vanguarda europeia no século XX, o que trouxe um crescente interesse pelo romantismo alemão. A partir de elementos das obras de Georg Philipp Friedrich von Hardenberg ou Novalis e dos irmãos Friedrich Schlegel e August Wilhelm von Schlegel editores do jornal Athenaeum, em diálogo com o discurso benjaminiano procura-se uma reflexão sobre o fragmento como definidor da expressão e recepção da cena contemporânea, procedimento fortemente presente no romantismo alemão.

PALAVRAS-CHAVE: Fragmento; Novalis; Friedrich Schlegel; August Wilhelm von Schlegel.

ABSTRACT

This paper presents a reflection on fragment as concept and artistic act nowadays. The fragment reflects the conditions of modernity and his art, as Walter Benjamin has pointed out. Benjamin was one of the first who realized the romantic philosophy a foreshadowing of modern aesthetics and the European avant-garde in the twentieth century, which brought a growing interest in German Romanticism. This work based on elements from the works of Georg Philipp Friedrich von Hardenberg 'Novalis' and Friedrich Schlegel and brother August Wilhelm von Schlegel, newspaper editors of Athenaeum, in dialogue with Benjamin's discourse seeks to analyze fragment as a strong definer of reception and expression of the contemporary scene, as this procedure is present since the German Romanticism.

KEYWORDS: Fragment; Novalis; Friedrich Schlegel; August Wilhelm von Schlegel.

O fragmento como conceito estético e fato artístico, filosófico e literário não é um fato novo, é produto direto da primeira fase da revolução romântica na Alemanha. Estabelecido nos cinco últimos anos que finalizam o século XVIII (1796-1801), se insere no desmembramento sem piedade do regime monárquico francês, no momento crítico pós Revolução Francesa, na restauração napoleônica e no desmontar do edifício clássico que se processava.

O fragmento, como propositura artística, voltaria à superfície ao final do século XX, pelas mãos agora do auto proclamado drama pós-dramático. Este procura reequacionar a questão do tempo dramático e da unidade em outras bases, como se esta coisa uma tivesse sido, antes do pós-dramático. Hans-Thiers Lehmann parte de uma leitura um tanto quanto apressada da *Poética* do antigo caminhante grego e se esquece que ela mesma, *Poética*, se constitui como uma obra "em fragmentos".¹

Uma leitura desatenta do termo fragmento pode levar a que o leitor mergulhe no caldeirão sem ainda ter falado suas primeiras palavras mágicas. O fragmento, como proposto pelos românticos alemães, cinquenta anos antes do primeiro manifesto de Marx, pode levar a que se entenda equivocadamente o conceito como o de ser apenas uma parte incompleta do todo, e que, portanto, recebe, sintetiza, estende ou complementa a unidade do todo da qual faz parte. Entretanto o fragmento, como categoria estética e filosófica, proposto pelo primeiro romantismo alemão, aponta para uma direção avessa a qualquer princípio de totalização. O fragmento é coisa em si.

Rodolphe Gasche destaca, em seu prefácio *Ideality in Fragmentation* à obra de Friedrich Schlegel, *Fragments Filosóficos* (1991), que o conceito de fragmento que enfatiza a "incompletude, a residualidade, o isolamento, (apenas) a quebra dos moldes clássicos", não vai compreender o fragmento na propositura romântica, pois esses conceitos citados estão todos ligados à relação todo e parte. O fragmento romântico, ao contrário, não é a

¹ A minha visão sobre a questão do pós dramático pode ser melhor acompanhada no texto apresentado ao VI Congresso da Abrace – UNESP, disponível em academia.edu.

parte incompleta do todo, que assim recebe a unidade do todo a que faz parte.

O fragmento romântico estabelece propositura de outra ordem. O Romantismo advogava a criatividade do artista no “aqui agora” e a transfiguração do mundo real pelo artista artesão em oposição à imitação da natureza estabelecida na ordem Clássica. O artista, neste entender, cria seu mundo de forma especial, com “mais verdade e, portanto, mais real que a realidade empírica”. A arte ou o trabalho criativo estabelece assim uma realidade humana superior, com um significado mais profundo.

O trabalho artístico, para os românticos, é a produção de um organismo vivo em ato, não é a projeção externa de um conteúdo outro, de um pensamento ou de mimese, mas algo atado intrinsecamente a seu próprio conteúdo, conteúdo que se estabelece na sua existência. A imaginação e a liberdade artística, nesta propositura, devem rejeitar as normas estéticas estabelecidas pelas regras clássicas do racionalismo e, seguindo os moldes em que se apoiava Immanuel Kant (1724-1804), o artista não deve se submeter às regras, mas sim criá-las em seu trabalho.

No século XVIII, antes do surgimento do movimento romântico, o termo romântico significava “estranho”, “fantástico”, “pitoresco” e, no início do século seguinte, graças à ação do grupo de intelectuais que o fundou, tornar-se-á conhecido como a nova perspectiva literária e artística que desafiava as normas em voga do mundo acabado, estruturado, sólido, estabelecido pelo classicismo em vigor desde o renascimento. Ser romântico assim era ser estranho. A totalidade era clássica, com suas regras. O fragmento, romântico.

Este romantismo alemão fundador teve entre seus principais membros Georg Philipp Friedrich von Hardenberg ou Novalis (1772–1801) e os irmãos Friedrich Schlegel (1772–1829) e August Wilhelm von Schlegel (1767–1845), editores do jornal *Athenaeum*. Seu palco inicial foi a cidade universitária de Jena e depois a múltipla Berlim. Entre outros participantes se encontram também o poeta Ludwig Tieck (1773-1853), considerado o mentor do movimento, junto com o filósofo Friedrich Schleiermacher (1768-1834) e o

escritor Wilhelm Heinrich Wackenroder (1773-1798). O jornal *Athenaeum*, publicado em Jena entre 1798-1800, foi a revista literária do grupo. Nele alguns dos trabalhos românticos em fragmentos foram publicados.

Os filósofos e críticos literários franceses Philippe Lacoue-Labarthe (1940-2007) e Jean-Luc Nancy (1940) em sua obra *O Literário Absoluto* (1978) descrevem o fragmento romântico como “uma determinada e deliberada afirmação que assume ou transfigura os aspectos acidentais e involuntários do fragmento” (LABARTHE, NANCY 1878). Assim os fragmentos românticos são um gênero “em si”, caracterizado por seu próprio conceituar. O fragmento romântico, uma sucessão de afirmações independentes uma das outras, é um todo de outra ordem, que se estabelece enquanto tal e não objetiva uma continuidade/parte de um todo. Ao contrário, o fragmento é uma captura do momento presente e nele estabelece sua “totalidade”. Não é um fractal, forma à que se reduzem todos os fenômenos. É a parte que é todo e não procura ser o todo.

O romantismo objetivava abolir as fronteiras do presente estabelecendo uma sucessão de agoras. Se o classicismo procurava no passado a justificativa para suas normas e no presente as aplicava, o romantismo abolia as normas e evitava o encontro com o passado no presente, pois não seria mais possível recuperá-lo. Uma arte plenamente inserida no contexto da produção capitalista, embora isto não tire o seu valor.

Vejamos alguns fragmentos publicados no primeiro número do *Athenaeum*, constituídos somente por uma pequena parte das tentativas de Friedrich Schlegel de capturar seus florescentes pensamentos no momento de sua gênese. Schlegel, durante sua vida, produz aproximadamente 180 cadernos, cada um uma coleção de múltiplos fragmentos. Sentenças aparentemente jogadas, onde a única ordem é a numeração. Elas não são escritas no fluxo do acaso, como um rompante surrealista. Elabora-se o fragmento, mas não se estende seu discurso no tempo. Este fragmentar romântico, ligado ao instante como totalidade, pertence ao fluxo infinito da vida, ao processo histórico e às possibilidades infinitas do ser. No momento, no aqui

agora, procura-se conhecer o mundo contraditório da modernidade. O estável edifício clássico não o poderia, pois estava atado às suas regras e ao passado.

O infinito romântico, como pontua Rodolphe Gasche, em sua introdução aqui citada, traz em perspectiva a desilusão ou desmanche da realidade existente, da civilização e do progresso. É um contra discurso, não há nem se procura obter um todo orgânico. Estamos falando de um movimento intelectual que obedece os ditames da nova ordem que começa a ser (des)construída e desmembrada no bojo da Revolução Francesa. Não é uma totalidade, é a parte que se estabelece como um todo em devir, que se transmuta, ou um todo em constante vir a ser ou ainda um todo que vive no fluxo do rio de Heráclito, ciente que o rio e homem mudam a cada momento. Um todo sem totalidade, em movimento.

O romantismo objetivava a renovação constante de um mundo que, ao contrário da estabilidade das regras clássicas, traz em si um embate permanente, um conflito entre o ideal e real. Não há uma teoria romântica do fragmento, ela nunca foi feita, nem será, pois cada fragmento já traz consigo sua totalidade, em uma reiterada reflexão de cada fragmento conceituado. Uma teoria do fragmento existente seria a construção de um todo impossível, à qual os românticos evitavam.

Os fragmentos que aqui se destacam fazem parte dos 127 de uma das primeiras obras de Friedrich Schlegel *Fragmentos Críticos*, publicados em Athenaeum (1798), volume segundo. Cada fragmento numerado não se relaciona com o predecessor ou sucessor. São aleatórios, feitos no processo, não se relacionam com nenhuma parte da obra, muito menos formam totalidade.

No primeiro, fragmento 54, Schlegel afirma: “Há escritores que bebem o absoluto como água; e há livros nos quais mesmo os cães se referem ao infinito”. No fragmento 80 descreve: “Estou desapontado por não achar na árvore kantiana dos conceitos a categoria “quase”, uma categoria realizada e deteriorada no mundo da literatura e em qualquer outro. Na mente dos cétricos

naturais ela colore todos os conceitos e intuições”. No último fragmento desta publicação, o 127, ironiza: “É indelicado ficar espantado quando alguém é lindo ou grande; como se ele pudesse ser diferente”. Em outra publicação ainda no *Athenaeum*, em mais um conjunto de fragmentos, agora o 206, Friedrich Schegel aponta “Um fragmento tem de ser, igual a uma pequena obra de arte, totalmente separado do mundo circundante e perfeito em si mesmo como um porco-espinho.”

Há fragmentos mais extensos que os aqui citados, mas inútil seria procurar entre eles uma unidade intencional ou relacional. Cada fragmento romântico apresenta-se como uma totalidade em si, que evita a construção de uma unidade estilística ou filosófica maior, que não procura ser uma parte buscada (escondida) de um todo. O todo romântico é outro todo, é o todo das partes, da natureza em movimento, todo contraditório, onde a escrita e a arte pretendem dialogar com seus instantes, fragmentários. Nesta visão romântica (estranha, fantástica) a totalidade nunca mais poderá ser recuperada, pertence apenas a um passado remoto. Aproxima-se o fragmento mais da fotografia enquanto registro do momento, onde cada foto revelada instantaneamente se comporia de imagens elaboradas no bizarro daquele momento determinado.

Novalis afirma que a arte moderna se vê apenas como arte, e que ela não possui nenhuma importância moral ou religiosa como a que existia na arte antiga. A arte moderna apenas produz a experiência artística, a experiência de si mesmo. A arte testemunha o momento, a dimensão do ser. O artista é um médico transcendental, afirma Novalis em seus *Fragmentos Líricos* (36). Em sua publicação o *Pólen (Blêhenstaub)*, o título de uma das coletâneas de fragmentos de Novalis, publicada no primeiro número de *Athenaeum* (1798), não procurava construir um sistema teórico filosófico, mas capturar ou espalhar na natureza sua coleção de fragmentos estético-filosóficos. Pedços do continuum, sementes literárias.

O fragmento traz uma forma e um estilo, necessário dizer, fragmentado, procura capturar a complexa realidade da natureza em seu

momento e considera que esta não pode ser capturada pela estreita racionalidade totalizadora. Novalis acreditava que a razão pode ser obtida deixando-se para trás a ideia da construção de um sistema filosófico. Mas, como já afirmara Friedrich Schlegel: se um completo sistema filosófico pode ser uma ilusão, um assistemático sistema filosófico mataria qualquer ambição intelectual.

Como forma filosófica o fragmento reflete as condições da modernidade e de sua arte, como pontuará Walter Benjamin (1892-1940). Benjamin foi um dos primeiros que percebeu na filosofia romântica uma prefiguração da estética moderna e da vanguarda europeia no século XX, o que trouxe um crescente interesse pelo romantismo alemão. Mas a obra que mais aproxima Benjamin dos fragmentos românticos são seus dezoito fragmentos sobre o conceito de história, escritos de 1940. Em alguns de seus trechos afirma: “nunca houve um monumento de cultura que não fosse também um monumento da barbárie” (fragmento 07). Ainda no fragmento 14 apresenta: “A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de agoras”. (*Obras Escolhidas* 1985. trad Sérgio Paulo Rouanet).

Referências

Aristóteles. *Poética*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

Boileau-Despreaux, Nicolas. *A Arte Poética*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

Camargo, Robson. *Poética em Fragmentos: Aristóteles, o espetáculo e seus duplos*. ABRACE, SP: Unesp. 2010. Cópia in Academia.edu
https://www.academia.edu/379112/Po%C3%A9tica_em_Fragmentos_Arist%C3%B3teles_o_espet%C3%A1culo_e_seus_duplos_-_Poetic_in_Fragments_Aristotle_the_performance_and_theirs_doubles

Lacour-Labarthe Philippe e NANCY, Jean-Luc. *The Literary Absolute: The Theory of Literature in German Romanticism*. New York: State University of New York, 1988.

Lehmann, Hans-Thiers. *A Escritura Política no Texto Teatral*. SP: Perspectiva, 2009.

Schlegel, Friedrich von. *O Dialeto dos Fragmentos*. SP: Iluminuras, 1997, trad. Ruben Rodrigues Torres Filho.

Schlegel, Friedrich. *Philosophical Fragments*. Trad. Peter Firchow. Univ. Minnesota Press, Minneapolis, 1991.

Hugo, Victor-Marie. *Prefácio ao Cromwell*. In: SOUZA, Roberto Acízelo (org.). *Uma Ideia Moderna de Literatura: textos seminais para os estudos literário*. Chapecó: Argos, 2011.